

CONJUNTURA ECONÔMICA

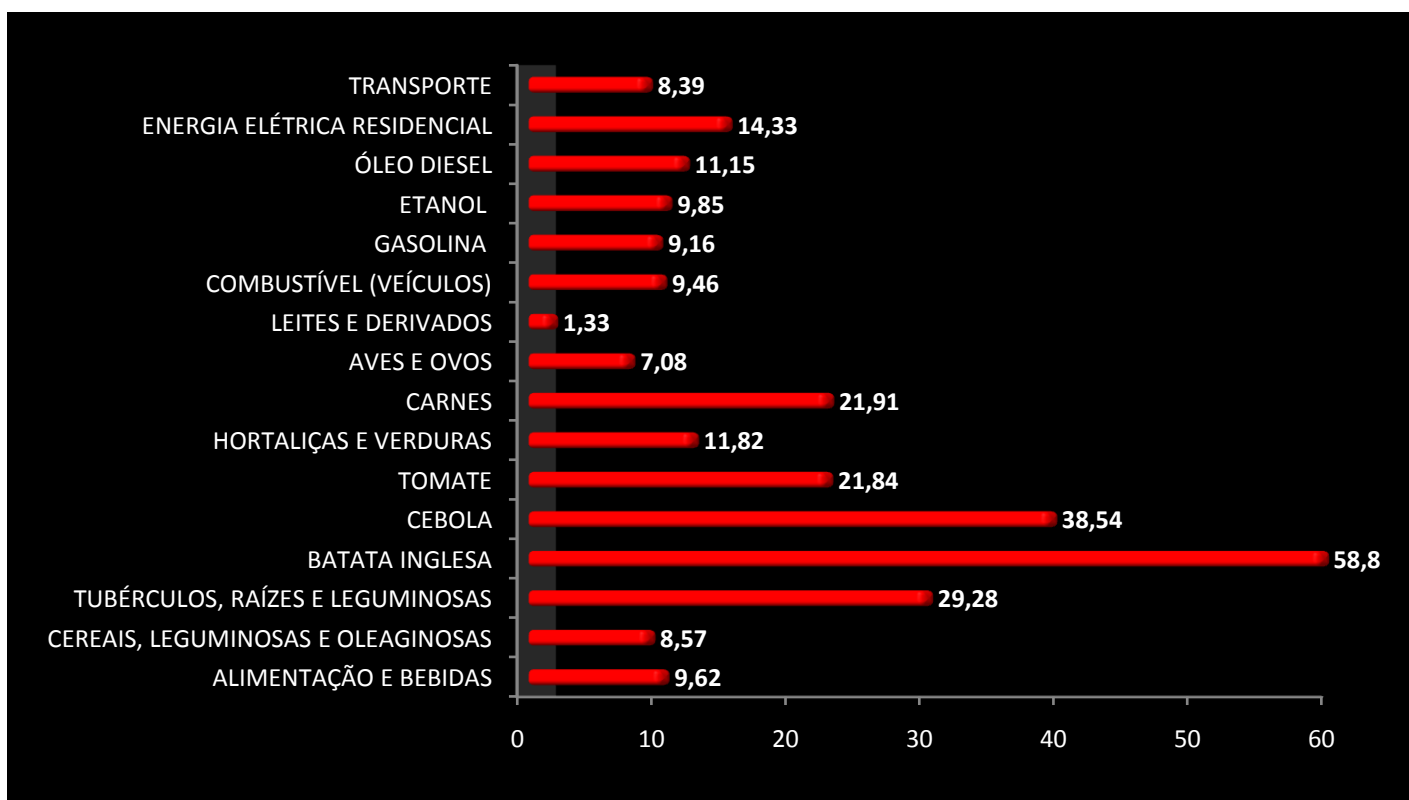
A conjuntura econômica, de fevereiro até meados de março de 2015, foi marcada pelos reflexos dos ajustes nos principais preços da economia. Inflação e câmbio se destacaram entre as variáveis de impacto tanto sobre produção, quanto sobre o consumidor final.

Em Campo Grande, no acumulado de 12 meses, o IPCA somou 7,84%, estourando o teto da meta de 6,5%. Esse índice foi puxado, principalmente, por alimentos e bebidas, energia elétrica, combustíveis e

transporte. Alguns itens como a batata inglesa, inclusive, aproximaram-se de 60% (IBGE).

Circunstâncias essas que na comparação ao ano passado, contribuíram para a redução de 14,43% nas perspectivas de consumo das famílias e, de 6,87% no nível de consumo atual (FECOMÉRCIO, fev. 2015). Diante de uma demanda menor dos consumidores finais, a ponta produtora, intermediária e comercial também ficou desaquecida.

Gráfico 1: Variação % do IPCA acumulado em 12 meses em Campo Grande – fevereiro de 2014 a fevereiro de 2015



Fonte: IBGE | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

Ainda entre esses elos da economia, o aumento dos custos de produção tem sido foco das discussões sobre inflação. Isto porque estão previstos aumentos significativos no preço da energia elétrica que poderão ultrapassar 40%. Sobre as indústrias esse percentual pode ter ainda maiores repercussões, aumentando a inflação de custo de produção, uma vez que o setor é responsável por aproximadamente 40% do consumo total de energia no país. Com relação aos outros setores, incluindo, a produção agropecuária, essa participação é de 15% (dados da EPE, 2013).

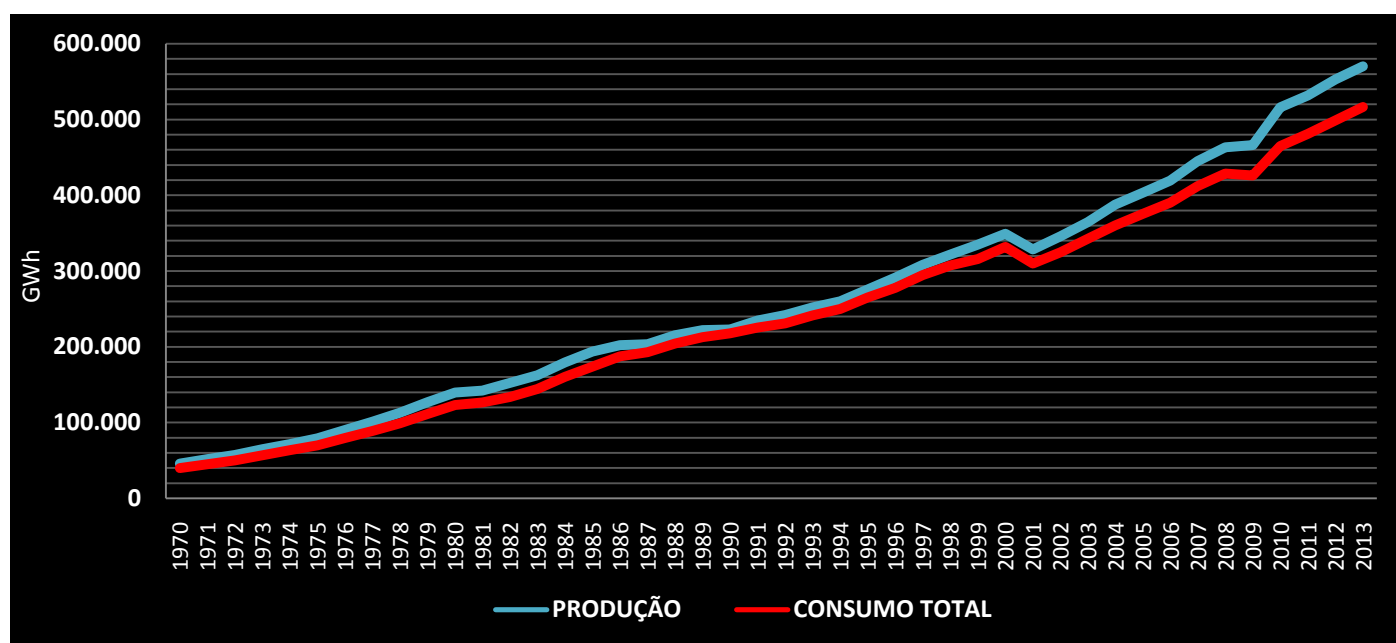
Para entender o aumento no preço da energia elétrica, é necessário observar como foi o comportamento de geração e de consumo ao longo dos anos. De acordo com dados da EPE¹, no Brasil, percebe-se que a produção e a demanda por energia caminharam juntas desde 1970, em 2001 a produção começou a apresentar uma margem mais significativa, apesar de pequena, em relação a demanda.

Em 2013, essa margem era de 9,4%, percentual esse considerável, mas não suficiente quando considerada a interferência de externalidades negativas (variáveis de efeito negativo) do clima, onde diante da seca em alguns pontos do país, a capacidade dos principais reservatórios foi reduzida drasticamente (principal fonte que representa 75,2%), assim como o potencial de geração de energia elétrica.

Quando consideradas todas as fontes de energia secundária², o consumo total supera a geração de energia, historicamente. Somente em 2013 esse déficit representou 2,57%. Com relação as fontes de energia primária³, como a eólica, a oferta se iguala a demanda, não tendo potencial para suprir maiores demandas, derivadas da energia elétrica.

Logo, energias alternativas não estão entre as opções mais plausíveis neste momento. Assim, a redução do consumo a partir da taxaço, no curto prazo, pareceu ser a opção mais indicada, perante a perda de potencial de geração e a insuficiência de energias alternativas.

Gráfico 2: Evolução da produção e consumo de energia elétrica no Brasil - GWh

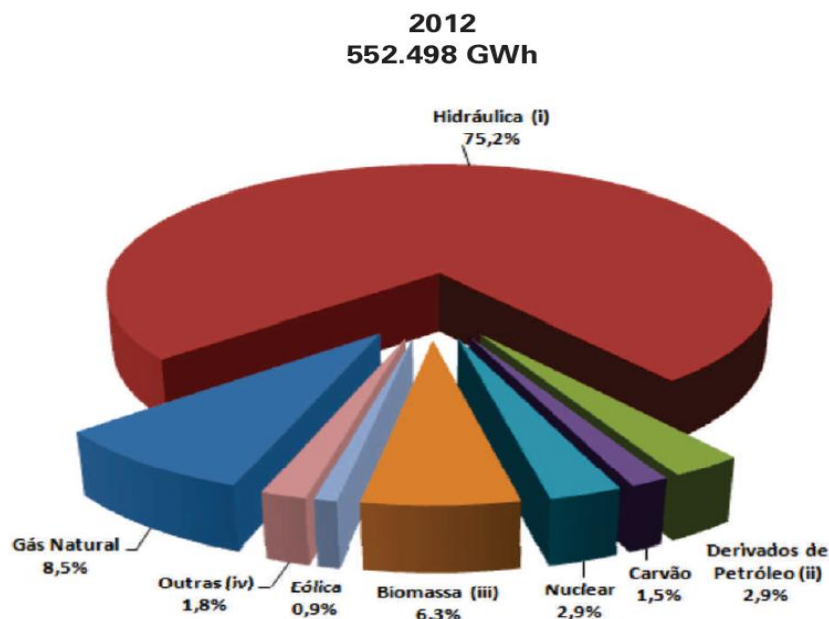


Fonte: EPE | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

¹ Empresa de Pesquisa Energética.

² Derivados de petróleo e de gás natural; óleo diesel total; álcool etílico total; álcool anidro; álcool hidratado; outras secundárias de petróleo; alcatrão; produtos não-energéticos de petróleo; biodiesel; óleo combustível; gasolina; gás liquefeito de petróleo; nafta; coque de carvão mineral; querosene; gás de cidade; gás de coqueria; eletricidade; carvão vegetal.

³ Petróleo; gás natural; carvão vapor; carvão metalúrgico; energia hidráulica; energia eólica; energia hidráulica urânio; lenha; caldo de cana; melação; bagaço de cana; lixívia; outras fontes.

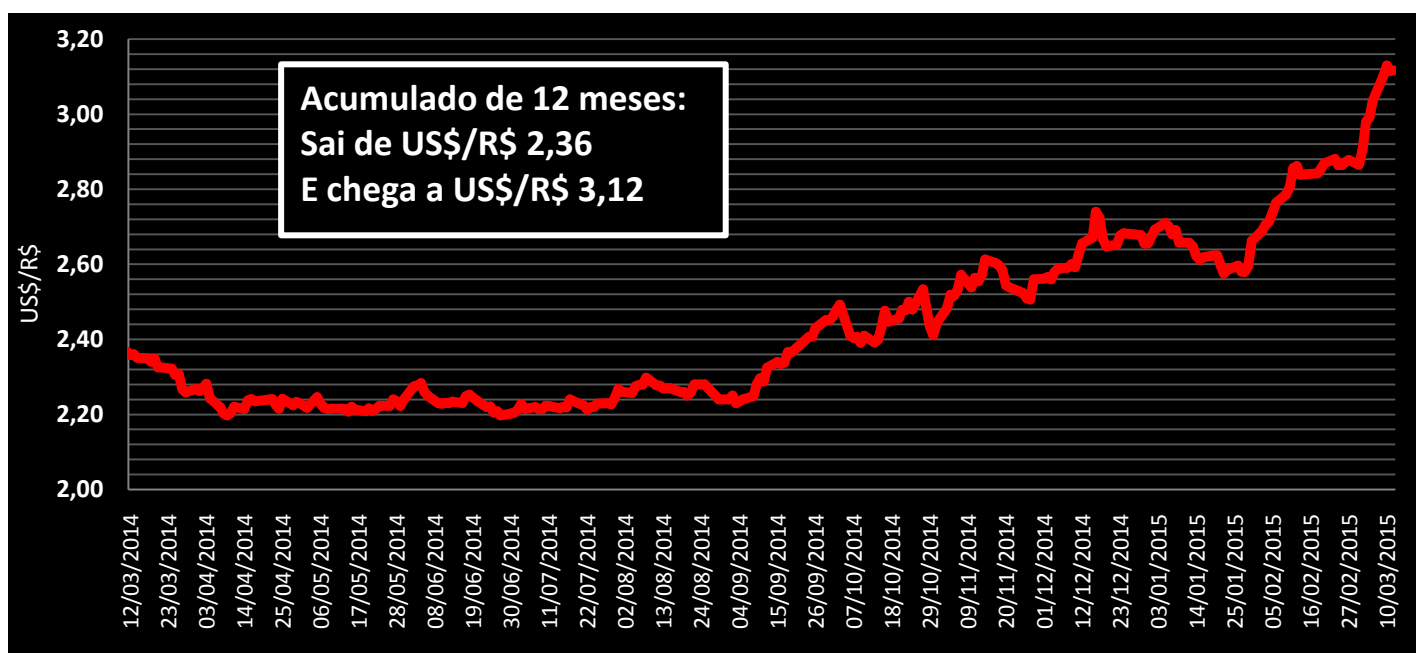
Imagem 1: Participação de cada energético na geração de energia elétrica brasileira

Fonte: EPE/BEN – Anuário Estatístico de Energia.

*Biomassa: lenha, bagaço de cana e lixo. **Outros: recuperações, gás de coqueria e outros secundários

Além da energia elétrica, o câmbio também poderá influenciar os custos de produção, diante da possibilidade de aumento no preço de insumos importados para as safras subsequentes. No acumulado de 12 meses, a taxa sofreu alta de 32,20%, partindo de R\$ 2,36 e chegando no dia 12 de março de 2015 a R\$ 3,12. Internamente, dentre os fatores que contribuíram para essa alta, destaca-se a insegurança político-econômica.

No entanto, nem todos os setores poderão ser afetados negativamente. Positivamente, poderá haver estímulo às exportações, diante do real desvalorizado em relação ao dólar, além da oportunidade a indústria nacional de suprir as necessidades de importações do país de forma competitiva e acessível (*profit-led*).

Gráfico 3: Comportamento do câmbio no acumulado de 12 meses

Fonte: BACEN | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

BOVINOCULTURA DE CORTE

MERCADO INTERNO

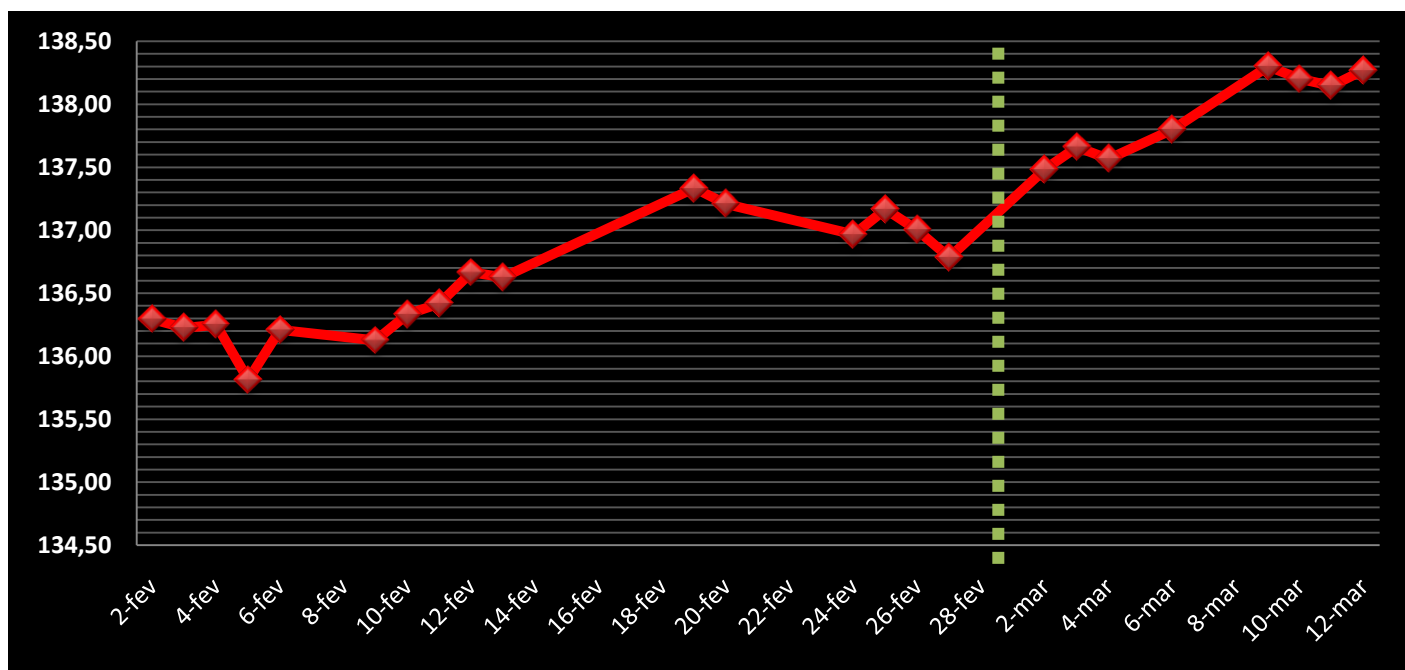
No mercado interno da bovinocultura de corte, de 2 de fevereiro a 12 de março, o preço da arroba do boi seguiu um leve comportamento de alta. Durante esse período, frigoríficos, principalmente, das regiões sul, sudeste e oeste relataram restrição de oferta, o que pode ser explicado ainda pela continuidade do cenário vivenciado no ano passado. Fator esse, que tem ajudado a segurar o preço da arroba do boi e da vaca, diante das demandas interna e externa desaquecidas. Logo, a tentativa dos frigoríficos diante dessa restrição de oferta se volta ao preenchimento da escala média de 7 dias.

Somente no mês de fevereiro o preço da arroba do boi foi cotado a R\$ 136,59 (variação de 0,36%) e da vaca a R\$ 127,44 (0,43%). Mês esse também marcado

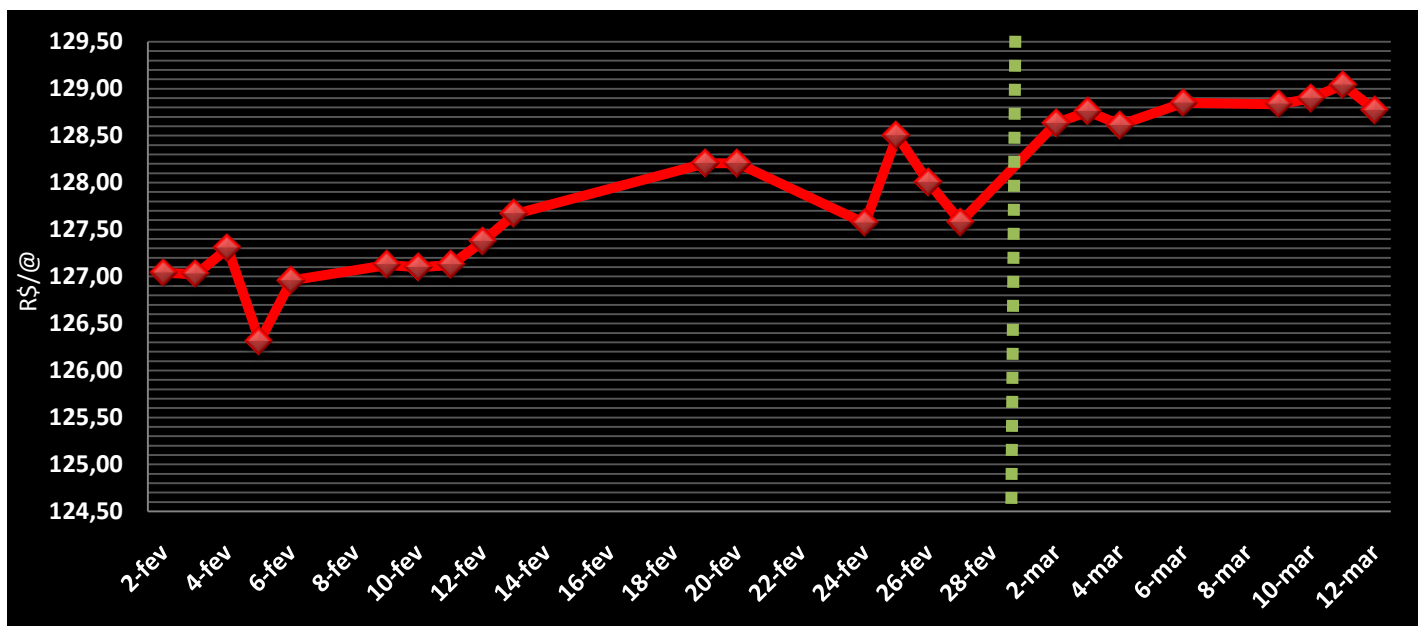
pelo bloqueio de trechos da BR 163 e 262, em função da manifestação dos caminhoneiros. Esse bloqueio dificultou o escoamento da produção e o transporte de animais prontos para abate, apesar disso, não houve reflexos significativos sobre o preço da arroba, por ter se estendido em um curto espaço de tempo.

Seguindo a tendência de fevereiro, de 02 a 12 de março, a arroba do boi e da vaca detiveram leves altas, inclusive, a arroba do boi em alguns frigoríficos foi cotada a R\$ 139,00 e da vaca a R\$ 129,00. No mercado futuro, contratos negociados para outubro já ultrapassaram R\$ 150,00/@ (B&MF – São Paulo). Reforçando os indícios, de que durante o ano poderá haver a manutenção dos preços em patamares elevados.

Gráfico 4 – Preço da arroba do boi, em Mato Grosso do Sul - R\$ à vista



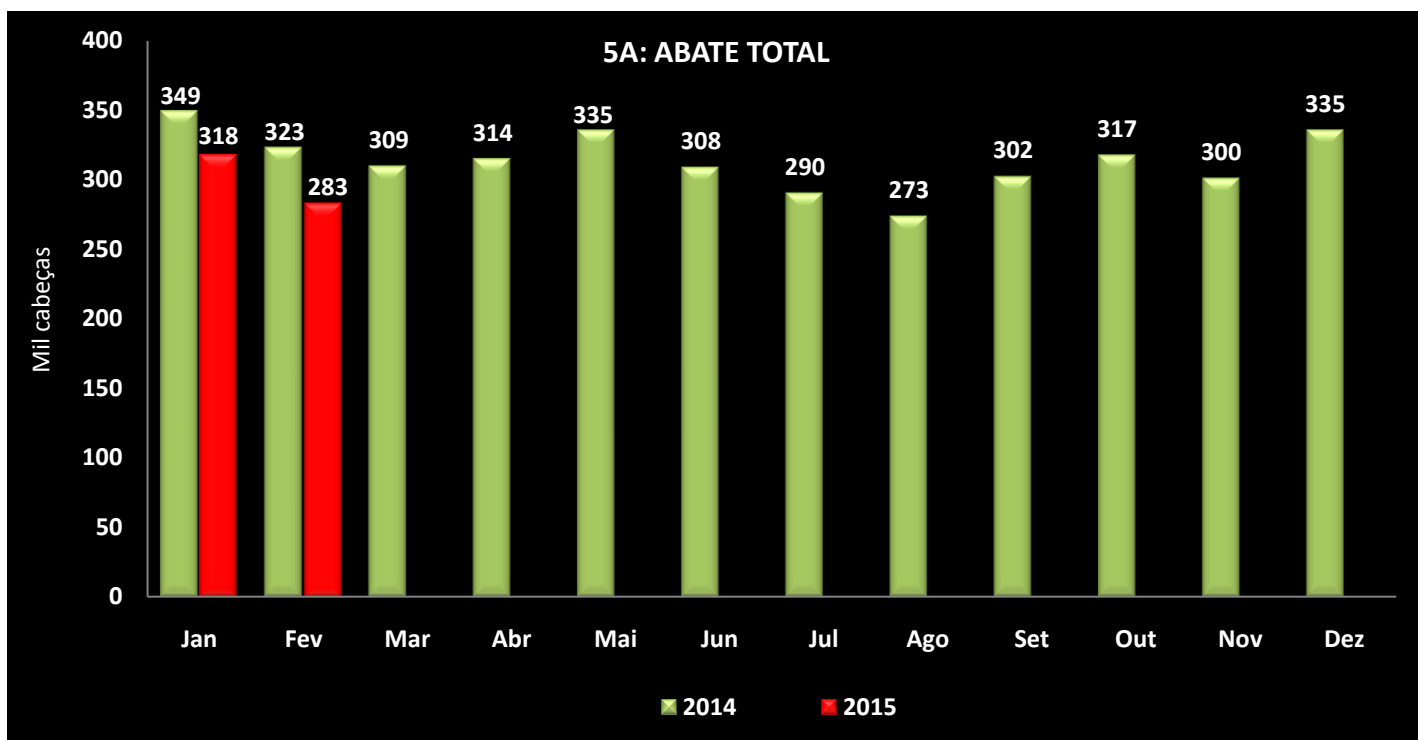
Fonte e Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

Gráfico 5 - Preço da arrobadada vaca em Mato Grosso do Sul - R\$ à vista

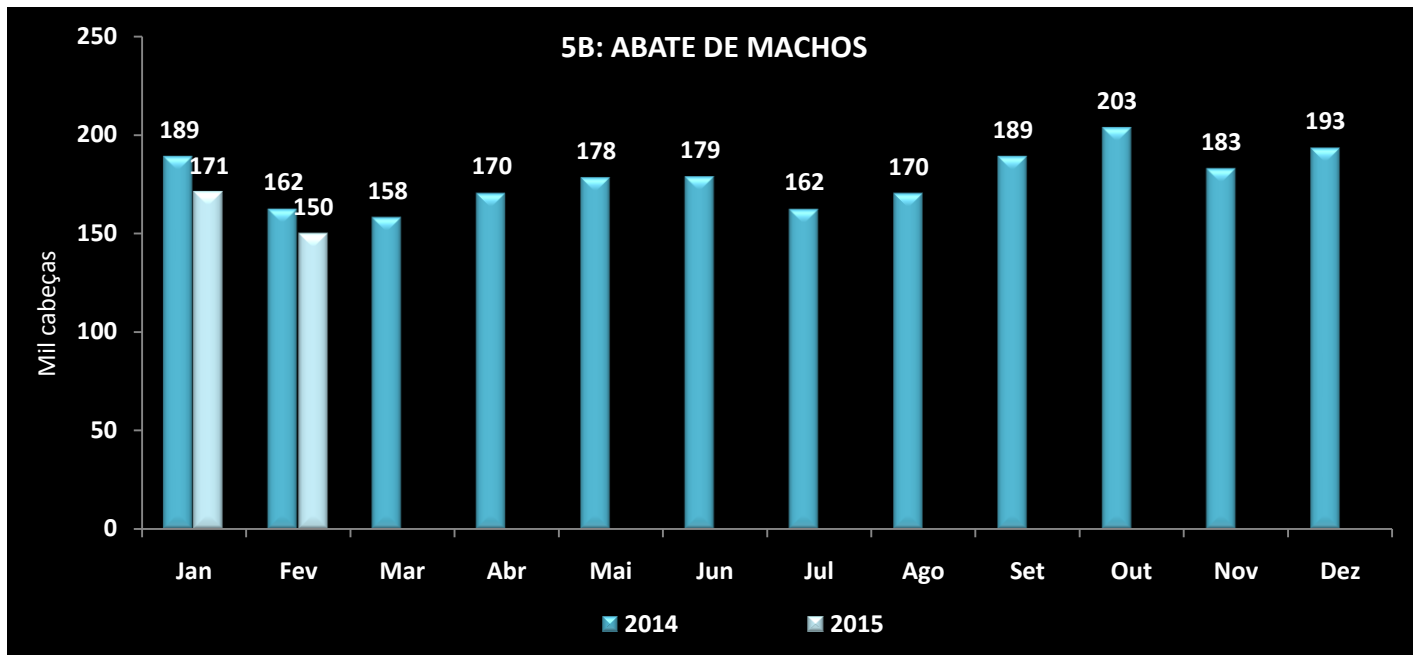
Fonte e Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

ABATES

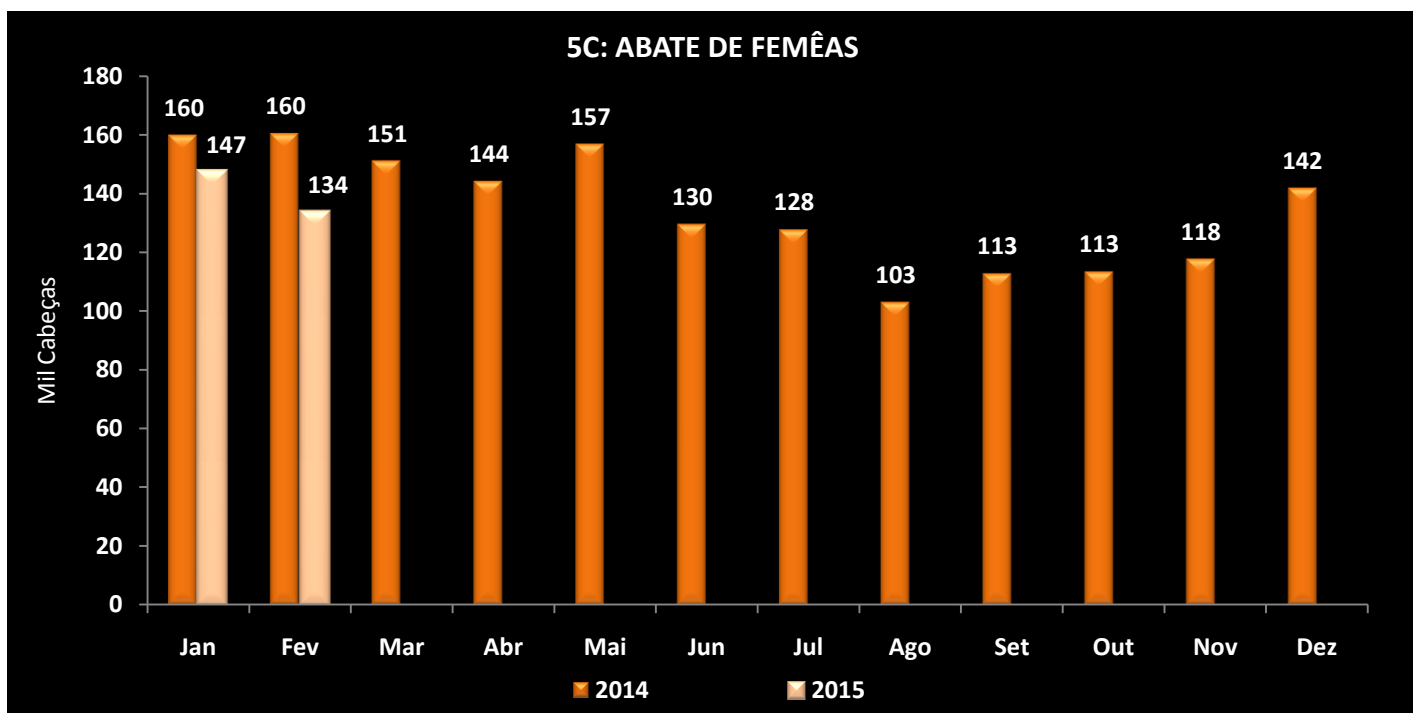
Confirmando a continuidade do período de restrição na oferta, na comparação a janeiro o abate total de bovinos reduziu 10,95%. Somente de machos a redução foi de 12,33% e de fêmeas 9,35%. Em relação ao mesmo período do ano passado, o abate total caiu ainda mais significativamente, 12,24%.

Gráfico 6: Número de bovinos abatidos em Mato Grosso do Sul

Fonte: SIPOA/SFA-MS | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL



Fonte: SIPOA/SFA-MS | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

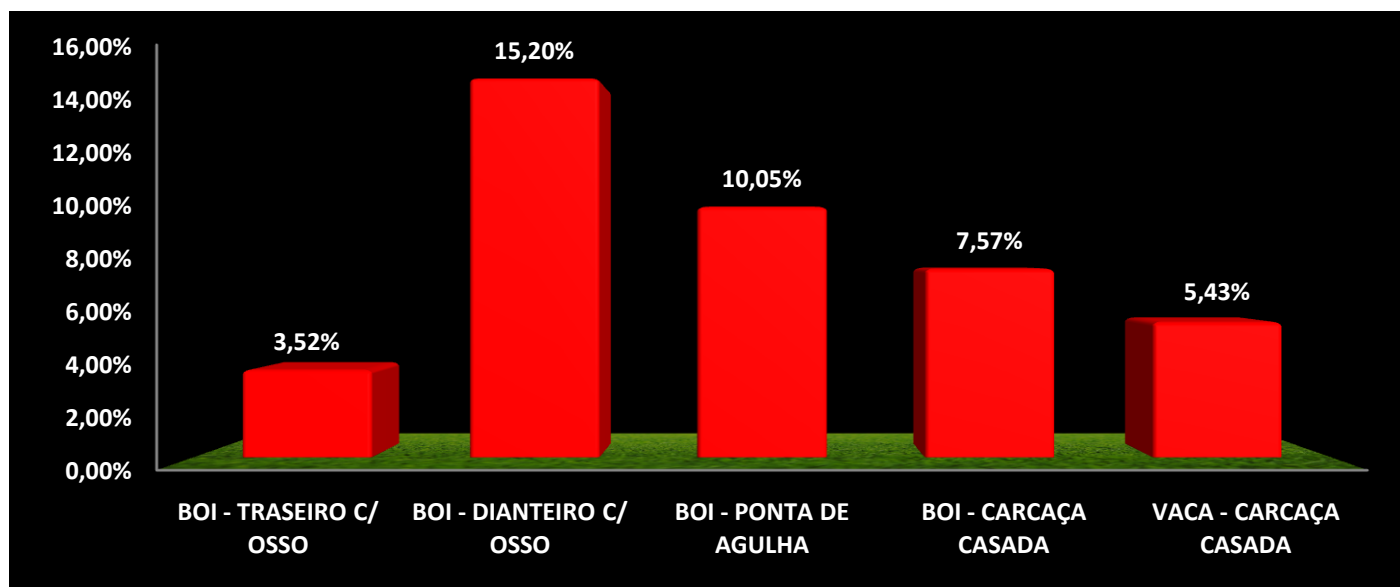


Fonte: SIPOA/SFA-MS | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

ATACADO

No atacado, todos os cortes paulistas detiveram alta, influenciados pelos patamares elevados de preço da arroba do boi e da vaca. No entanto, mesmo diante dessa tendência de alta, a expectativa é de que essas altas não sejam repassadas nas mesmas proporções ao atacado, uma vez que a demanda permanece desaquecida.

Gráfico 7 - Variação média dos preços dos cortes bovinos no atacado de São Paulo, de 02 de fevereiro a 12 de março de 2015



Fonte: CEPEA | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

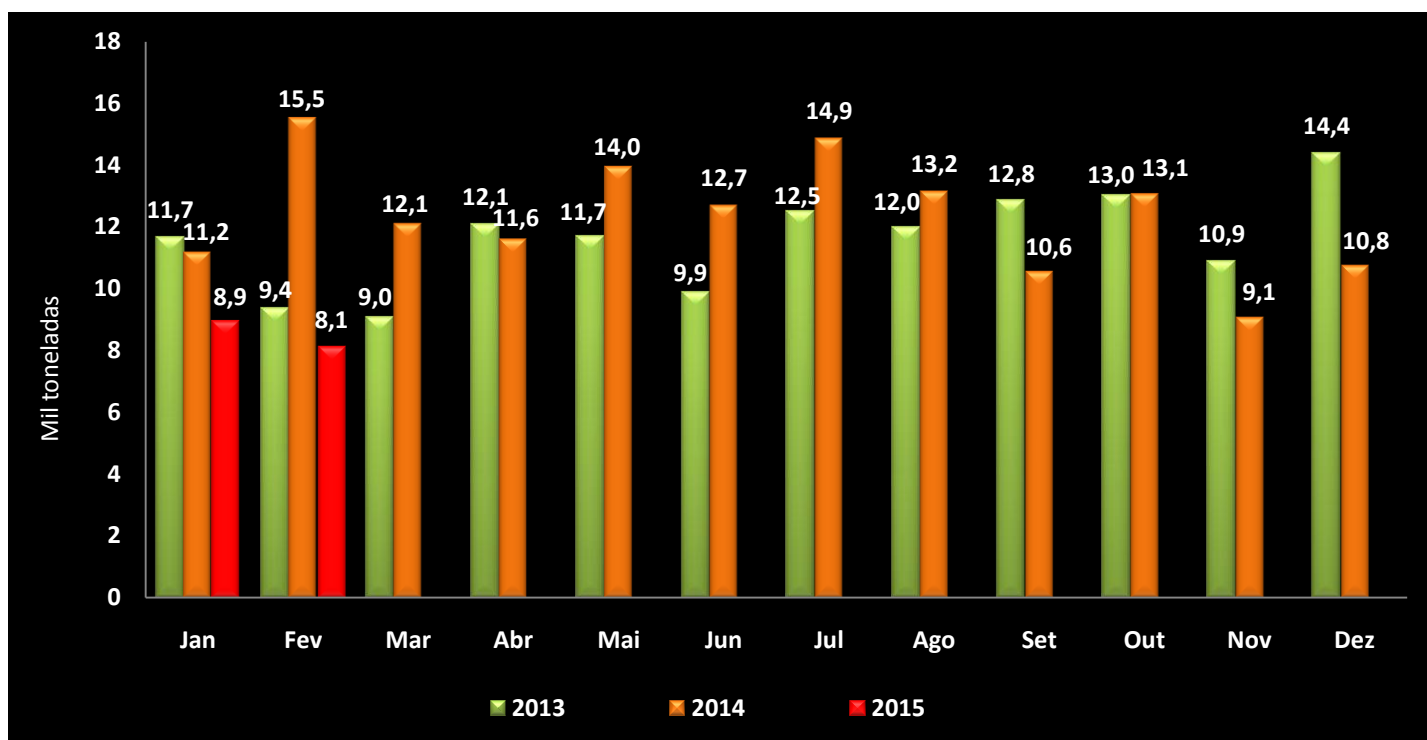
MERCADO EXTERNO

Em fevereiro as exportações de carne bovina *in natura* reduziram. Na comparação a janeiro a retração foi de 9,33% em volume e de 7,26% em receita. Na comparação ao mesmo período do ano passado essa redução foi ainda mais significativa, o volume exportado caiu 47,74% e a receita 44,66%. Um dos fatores que pode ter contribuído para esses percentuais, foi a retração nas importações da Rússia em 80,58% (na comparação a fevereiro de 2014). Este percentual pode ser reflexo da crise econômica e política enfrentada por aquele país (que tem como principal base econômica a exportação de petróleo, cuja desvalorização deste tem comprometido essa base de sustentação do país).

Diante disso, diferentemente da primeira posição assumida durante o ano de 2014, neste início

de 2015 a Rússia já caiu para o 3º lugar. Durante o mês, o destaque coube a Venezuela que assumiu a primeira posição nas importações de carne bovina de Mato Grosso do Sul, ao aumentar suas importações em 190% (volume) na comparação a janeiro, com o maior preço pago (US\$5,77/Kg) entre os parceiros comerciais do Estado.

Apesar, da queda geral nas exportações, diante do real desvalorizado frente ao dólar, a carne *in natura* no mercado externo tende a ficar mais atrativa. Espera-se que esse cenário seja benéfico ao fortalecimento, ampliação e conquista de novos parceiros comerciais, a fim de diversificar a pauta de exportação do Estado.

Gráfico 8 - Exportação de carne bovina *in natura* de Mato Grosso do Sul, em mil toneladas

Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

PRINCIPAIS IMPORTADORES

Quadro 1 - Principais países importadores de carne bovina *in natura* sul-mato-grossense em fevereiro de 2015

	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)	Preço Médio(US\$/Kg)	% do Total
Venezuela	7.466.664	1.294.618	5,77	15,96
Hong Kong	7.159.307	1.666.584	4,30	20,54
Rússia	5.471.103	1.633.629	3,35	20,13
Egito	4.060.126	1.238.870	3,28	15,27
Chile	3.537.771	705.456	5,01	8,69

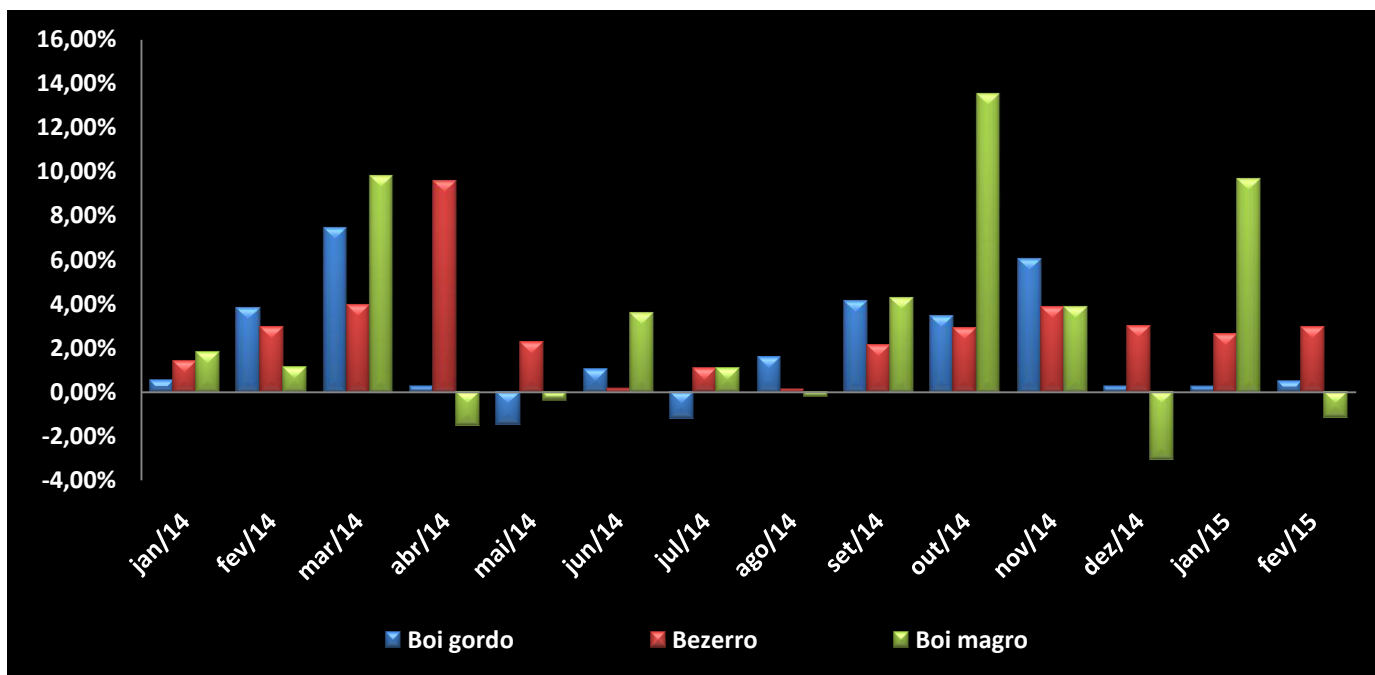
Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

QUADRO ESPECIAL

COMPORTAMENTO DA RELAÇÃO DE TROCA E MARGEM DE REPOSIÇÃO

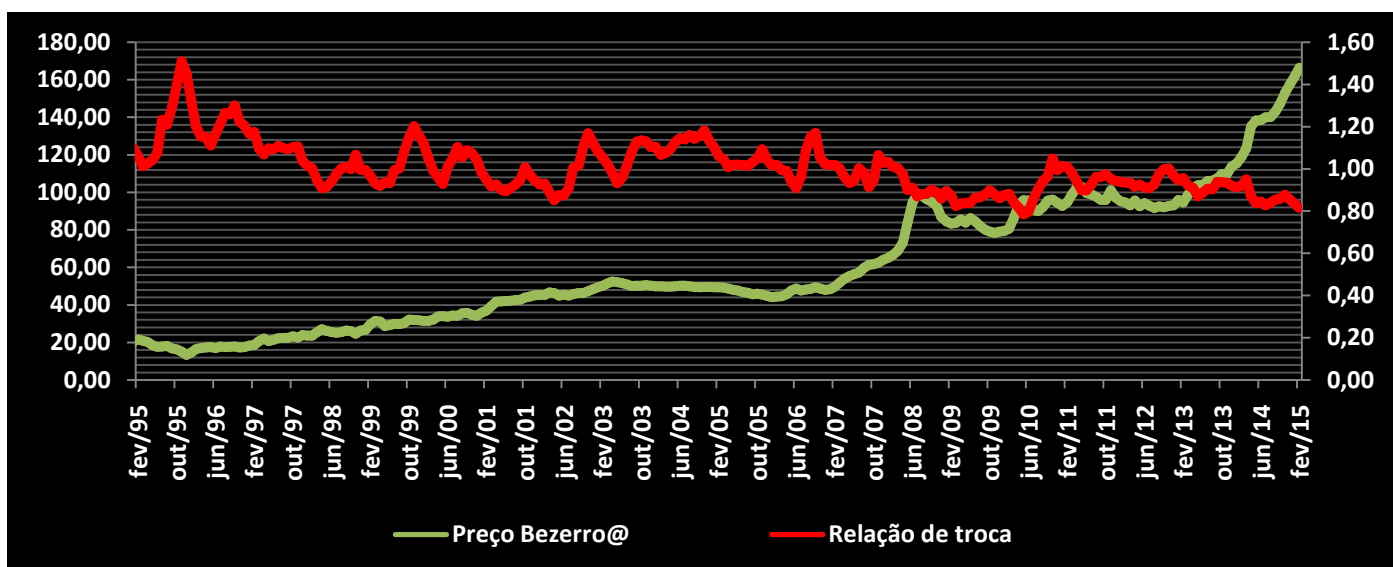
No mercado da bovinocultura de corte durante o ano de 2014 a arroba do boi iniciou uma trajetória de valorização. Seguindo esse comportamento, a arroba do boi magro e bezerro também variaram positivamente. A partir de dezembro de 2014 as variações no preço do bezerro foram superiores as variações no preço do boi gordo.

Isto porque durante esse período a continuidade da restrição de oferta empurrando os preços para cima e a demanda desaquecida puxando os preços para baixo, contribuíram para praticamente a estabilidade no preço da arroba do boi gordo. Por outro lado essa restrição também influenciou valorizações no preço da arroba do bezerro.

Gráfico 9 – Variação % do preço da arroba do boi gordo, boi magro e bezerro

Fonte: CEPEA | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

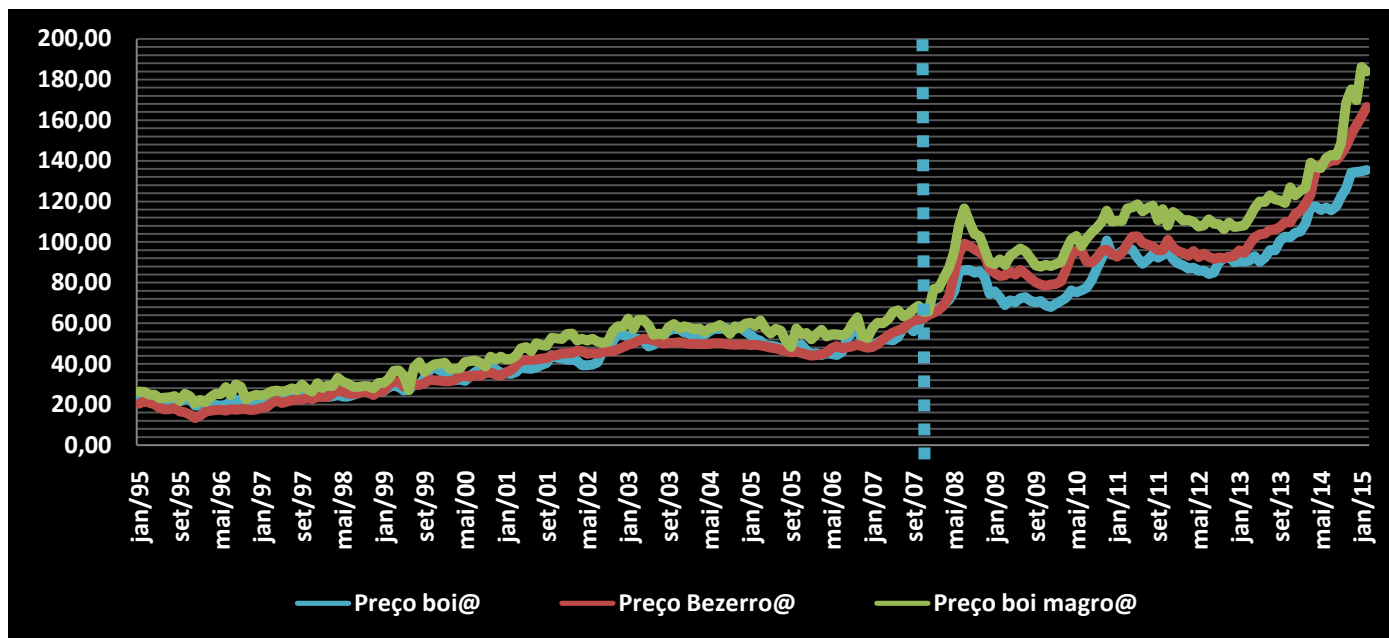
Diante disso, nos primeiros dois meses de 2015 a relação de troca reduziu. Somente em fevereiro de 2015, na comparação a janeiro, essa queda foi de 2,4%. Em fevereiro 1 arroba de boi podia ser trocada por 0,81 arrobas de bezerro. Quando observado o acumulado desde 1995 essa variação foi de 25,9% (período disponível). De janeiro de 1995 a fevereiro de 2015, a arroba do bezerro valorizou 712,4% e a arroba do boi 501,7%, fato que ajuda a explicar a trajetória de redução na relação de troca ao longo dos anos, chegando ao índice mínimo registrado de 0,80.

Gráfico 10 – Preço da arroba do bezerro X relação de troca

Fonte: CEPEA | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

Até setembro de 2007 os preços da arroba do boi gordo, boi magro e bezerro caminharam juntos. A partir de outubro de 2007, houve um distanciamento significativo entre esses preços. Em fevereiro de 2015 a arroba do boi magro foi cotada a R\$ 184,02, bezerro R\$ 166,37 e do boi gordo R\$ 135,44.

Gráfico 11 – Evolução do preço da arroba do boi gordo, boi magro e bezerro

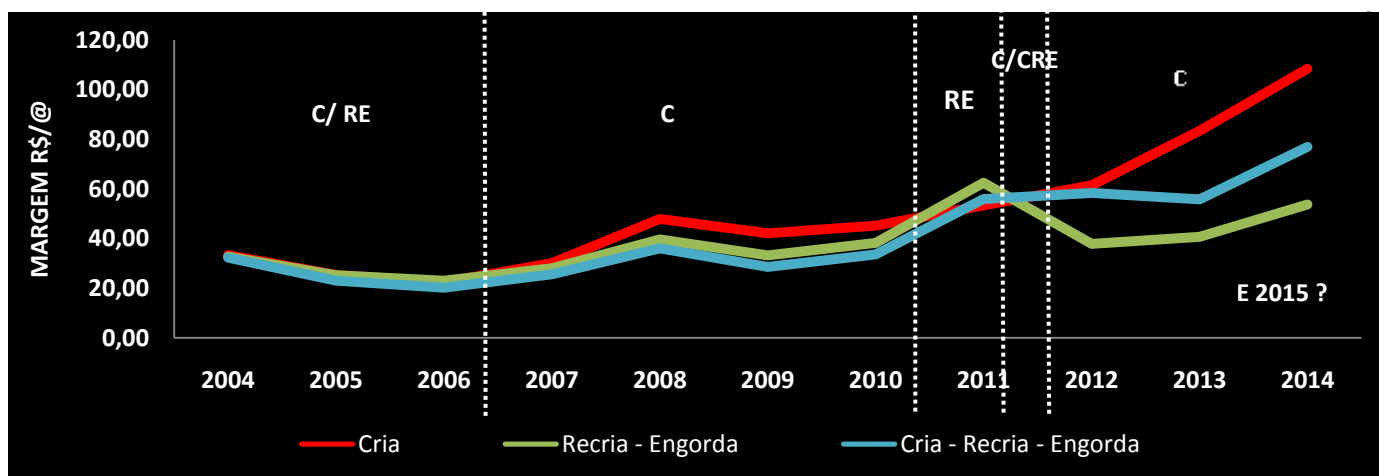


Fonte: CEPEA | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

*Obs.: @ do boi gordo = 16,5 kg; @ do bezerro = 7,5 kg; @ do boi magro = 10 kg

A margem do sistema de cria foi a que mais se destacou no intervalo de 1995 a 2015. De 2004 a meados de 2006, os sistemas de cria e de recria e engorda apresentaram praticamente as mesmas margens. De 2007 a 2010 o sistema de cria se destacou novamente. 2011 foi o ano da recria e engorda e desde 2012 o sistema de cria tem sobressaído os demais, o que deve se estender neste ano de 2015 diante do bezerro ainda valorizando-se e do preço da arroba do boi praticamente estável.

Gráfico 12 – Qual sistema a valorização do preço do boi gordo, boi magro e bezerro beneficiou?



Fonte: CEPEA | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

C: CRIA

RE: RECRÍA-ENGORA

CRE: CRIA-RECRÍA-ENGORDA

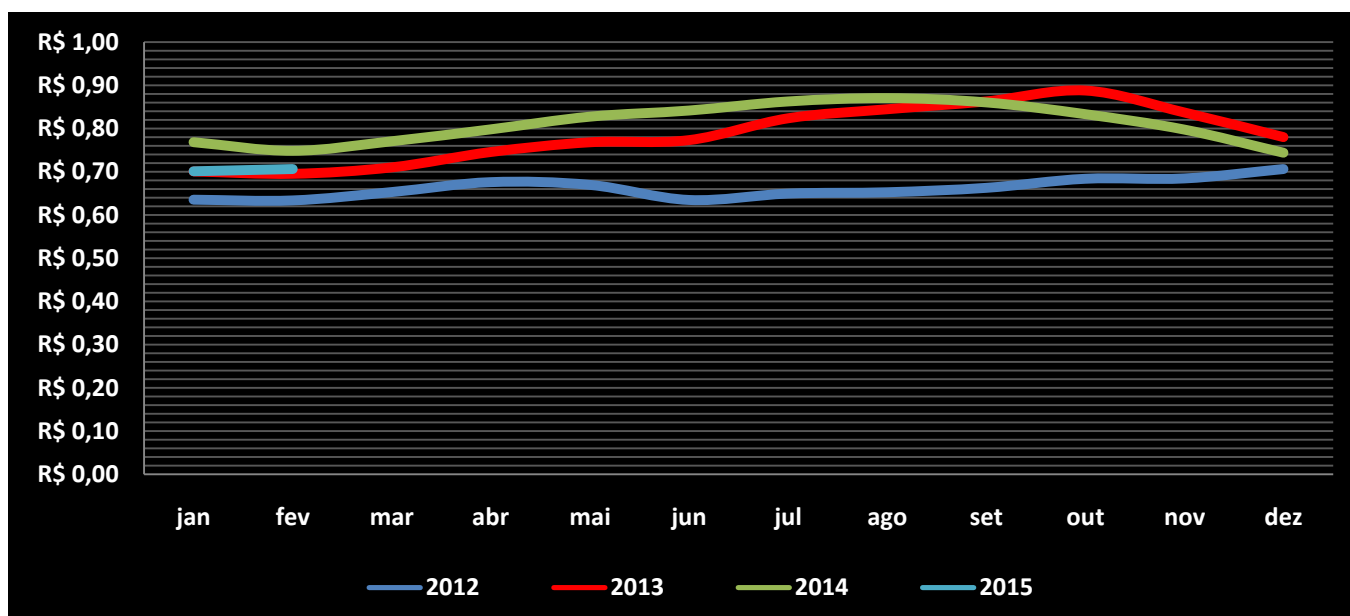
BOVINOCULTURA DE LEITE

MERCADO INTERNO

Após sucessivas quedas no preço do leite, fevereiro começou a mostrar tendências de recuperação. Período em que o volume de leite do país caiu 7% na comparação a janeiro, proporção essa que foi influenciada, principalmente, pela estiagem do início do ano no sudeste e pelo comportamento histórico de queda.

Diante da redução no volume de captação, melhora no mercado externo e expectativa de sustentação nos preços, de acordo com o Conseleite MS, em fevereiro o preço de referência foi de R\$ 0,7054, leve aumento de 0,74% em relação a janeiro e, a projeção é de que continue aumentando. Projeção que já está se concretizando, uma vez que no primeiro decêndio desse mês o valor médio de referência já atingiu R\$ 0,7246/litro de leite (volume entregue de até 100 litros/dia). Apesar disso a média do Estado ainda está abaixo da média nacional.

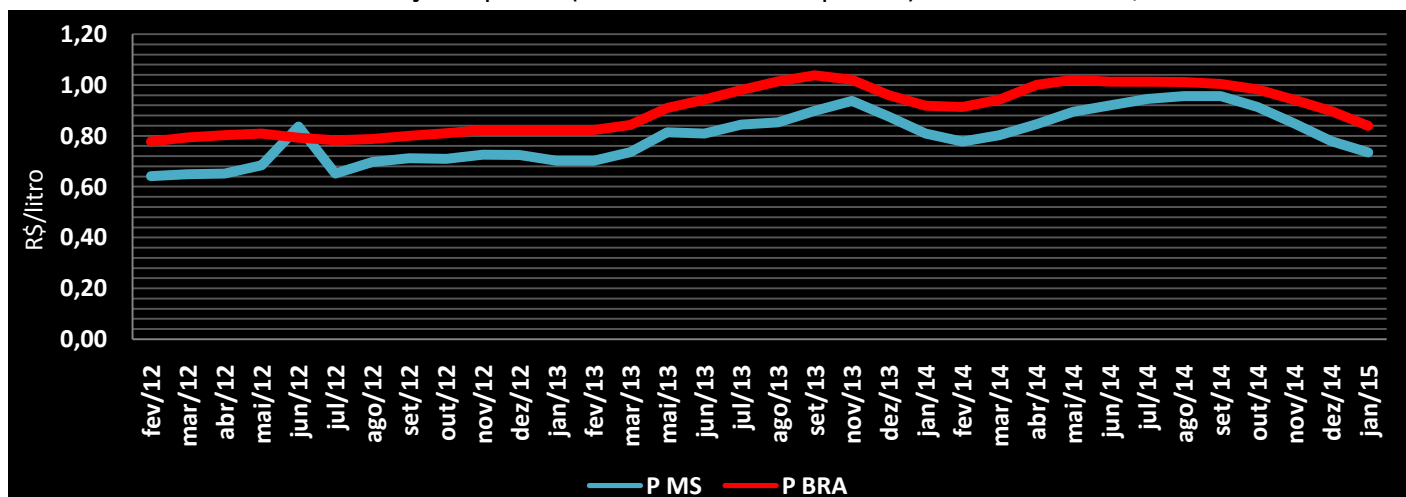
Gráfico 13 - Extrato de volume entregue de até 100 litros/dia, posto propriedade, R\$/Litro



*Valor projetado para março de 2015.

Fonte: CONSELEITE/MS | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

Gráfico 14 – Preços líquidos (livre de fretes e impostos) MS X Brasil – R\$/litro

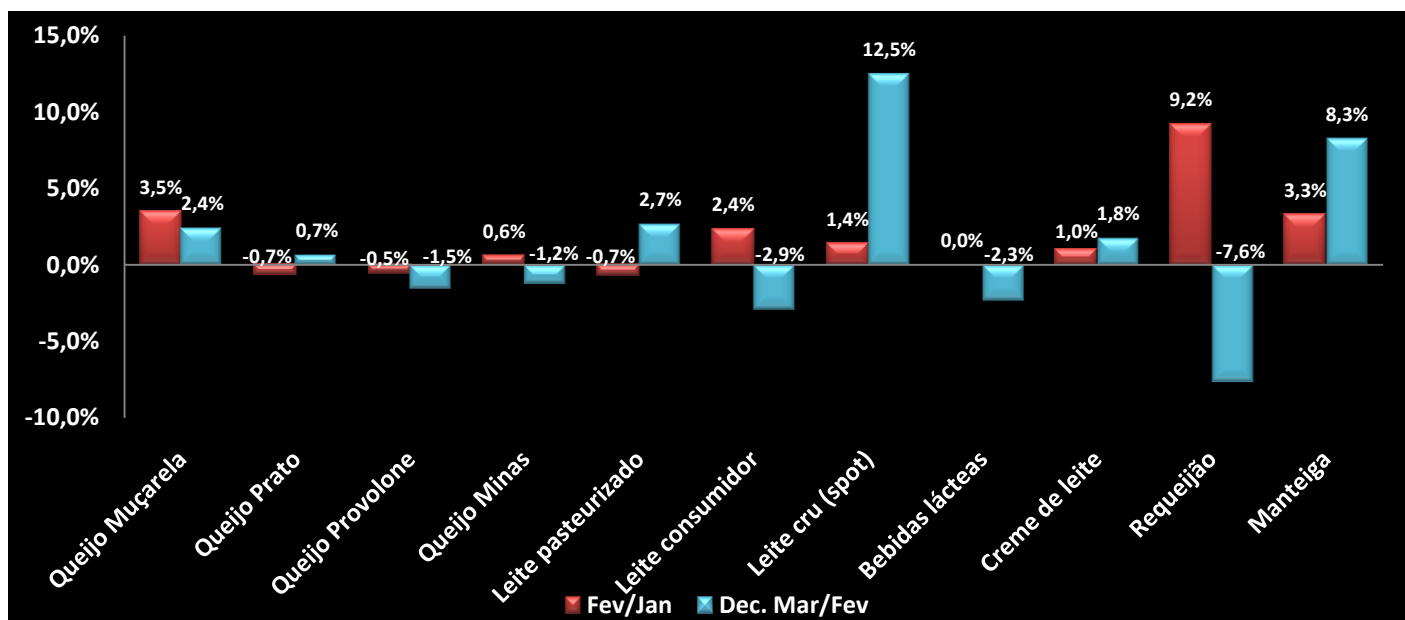


Fonte: CEPEA | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

Obs.: No preço médio do litro de leite brasileiro foi considerada a participação ponderada dos principais Estados produtores de leite

No atacado, os principais lácteos apresentaram aumento dos preços em fevereiro e no primeiro decêndio de março. O aumento no preço da muçarela, leite consumidor e leite cru pode ser explicado pelo aumento no volume de vendas. A projeção de aumento no preço do leite spot, principalmente em março, sinaliza a recuperação do setor.

Gráfico 15 – Variação média dos principais produtos lácteos no atacado de Mato Grosso do Sul, em fevereiro e projeção para março de 2015, em R\$

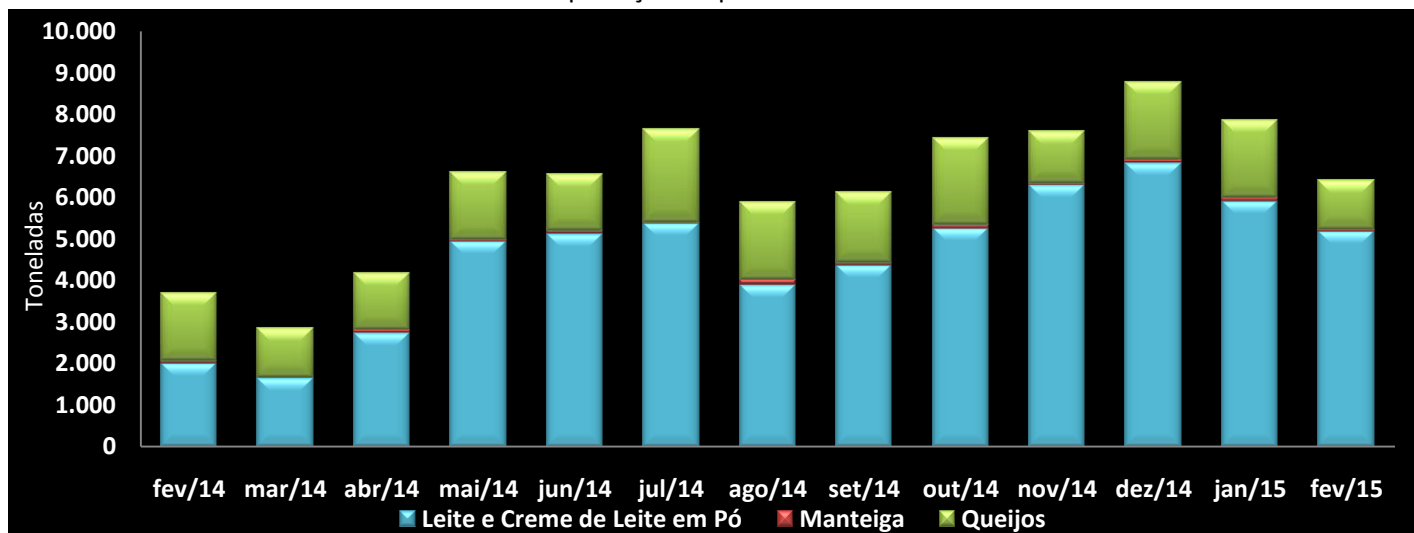


Fonte: CONSELEITE/MS | Elaboração: UNITEC/FAMASUL

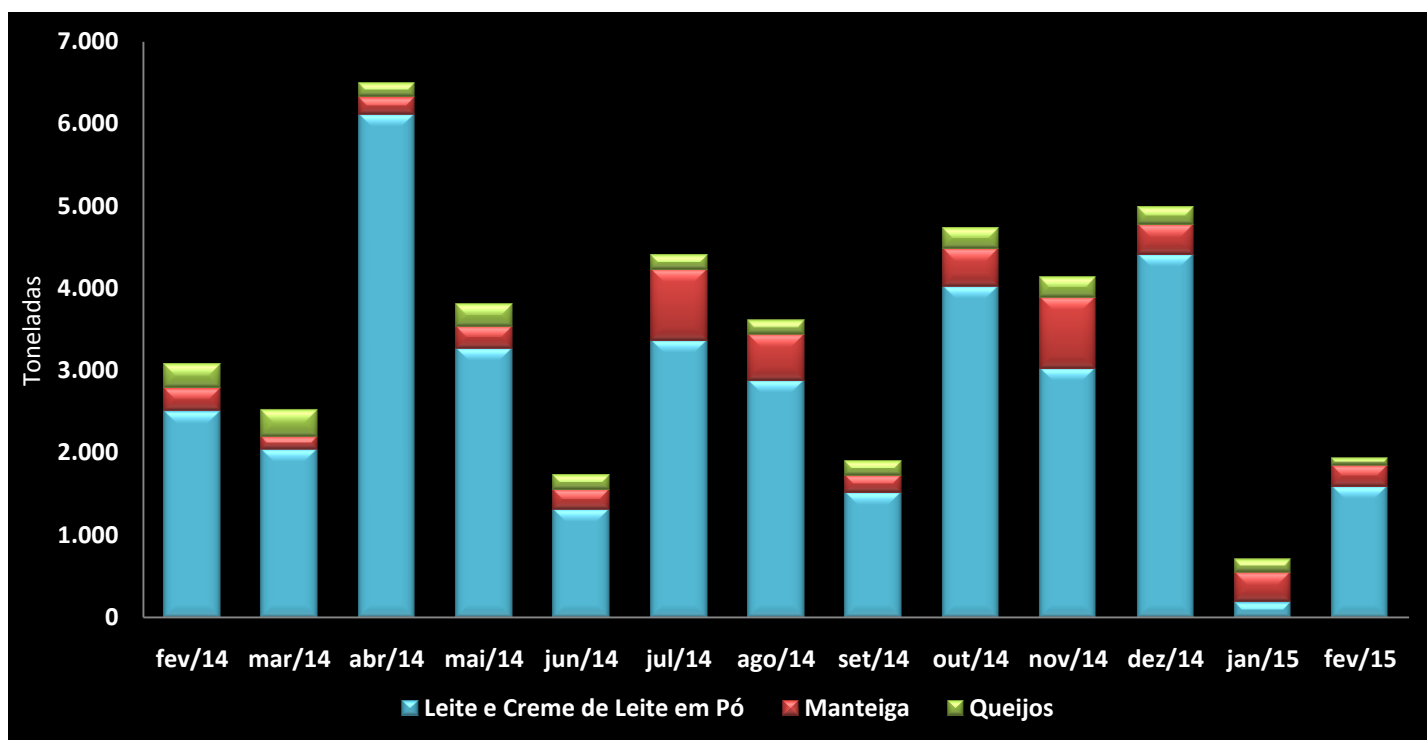
EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE DERIVADOS

Em fevereiro de 2015 os principais lácteos exportados pelo Brasil detiveram queda. Apesar disso as importações também caíram em relação a janeiro. Fato que pode ter contribuído para um déficit menor que no mês anterior (US\$ -13,75 milhões).

Gráfico 16 – Importação de produtos lácteos do Brasil

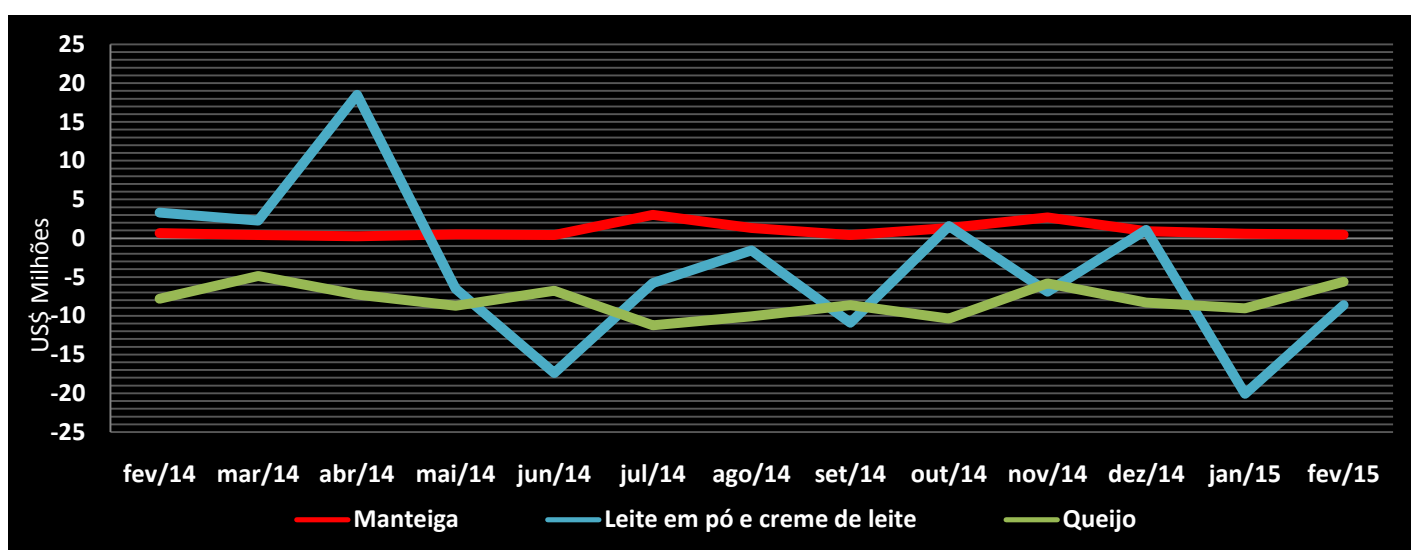


Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

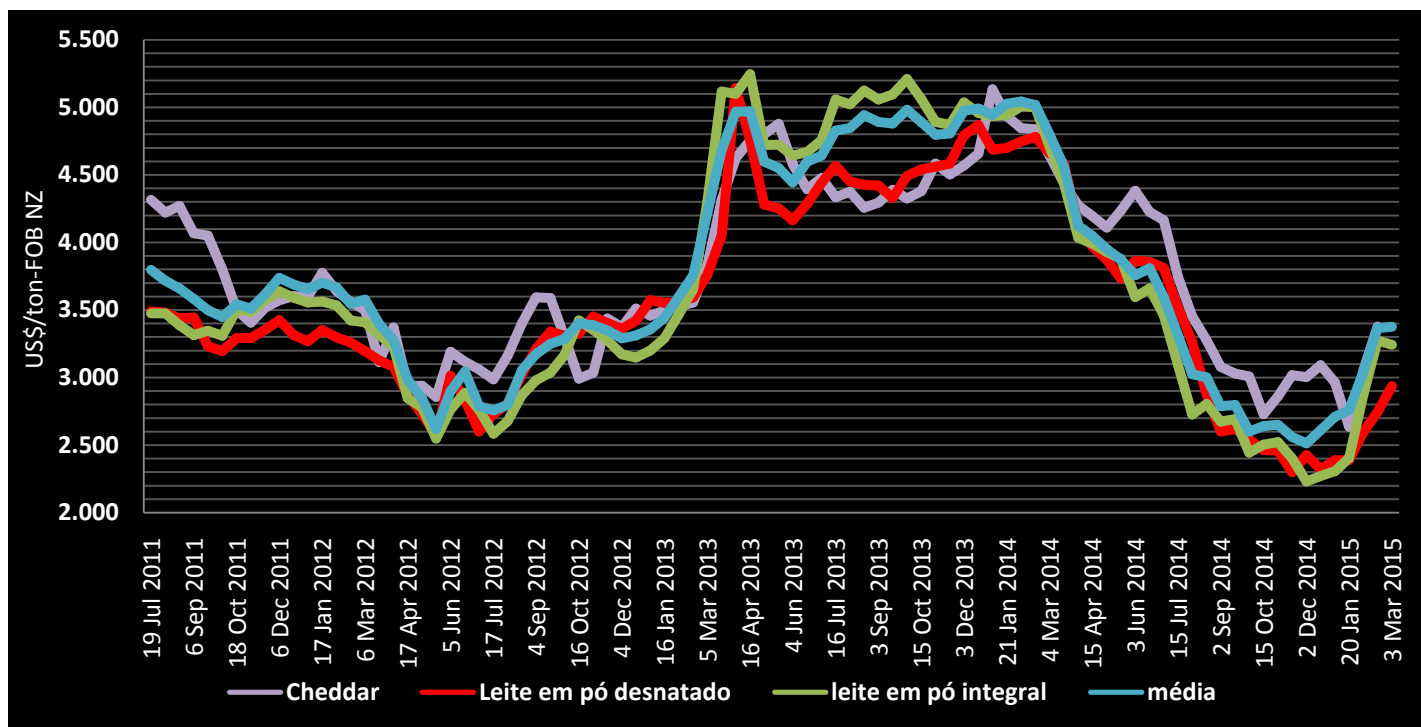
Gráfico 17 - Exportação de produtos lácteos do Brasil

Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

Essa leve redução do déficit na balança comercial foi puxada, principalmente, pela melhora nos resultados do comércio de leite em pó integral, creme de leite e queijo. O que pode ser explicado pela valorização do câmbio que pode ter desestimulado as importações e também pela recuperação da demanda, uma vez que também no mercado internacional as cotações de lácteos voltaram a subir, de modo que o leite em pó no dia 3 de março já foi cotado a US\$ 3.241/tonelada, cheddar US\$ 3.377/tonelada e o leite em pó desnatado a US\$ 2.935/tonelada.

Gráfico 18 – Balança comercial de lácteos brasileira

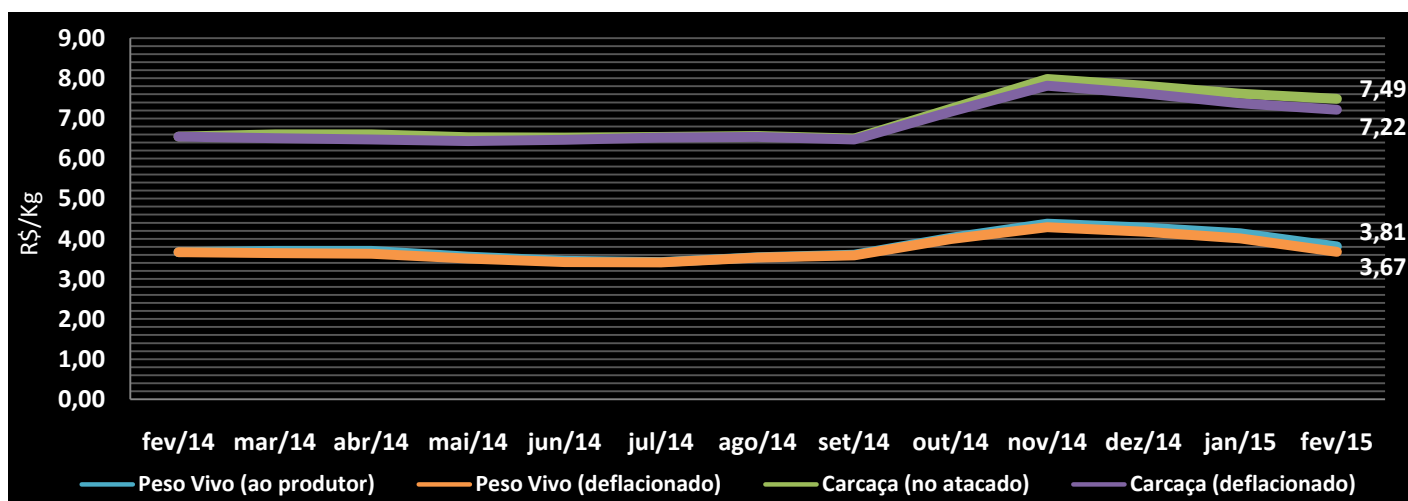
Fonte: SECEX | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

Gráfico 19 – Histórico de preços do GDP – média ponderada (Global Dairy Trade)

Fonte: GDT

SUINOCULTURA MERCADO INTERNO

No mercado interno, o preço do kg vivo de suíno desvalorizou 7,97% em relação a janeiro. Enquanto que o preço do kg de carcaça reduziu 1,58%. Em termos reais essa queda foi ainda mais significativa e representou, respectivamente, 8,46% e 2,10%. Essa redução pode ser explicada pelo desaquecimento da demanda tanto no mercado interno quanto no mercado externo.

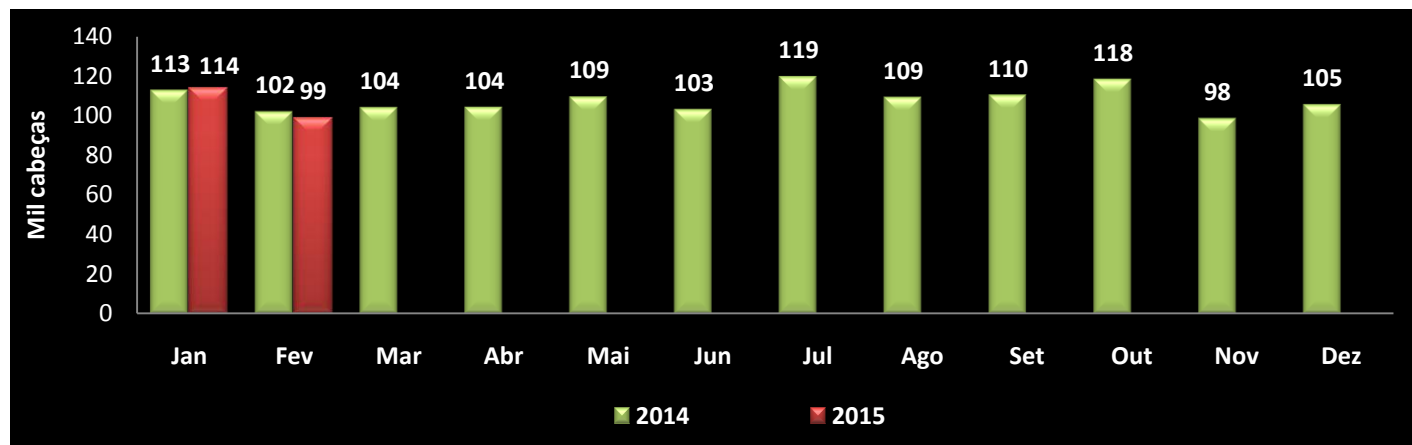
Gráfico 20 - Preço médio dos suínos no atacado no Mato Grosso do Sul, nominal e deflacionado pelo IGP-DI (base=fevereiro/2014)

Fonte: CEASA/MS | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

ABATES

Diante disso, o número de abates reduziu 13,34% em fevereiro na comparação a janeiro. Em relação ao mesmo período do ano passado essa redução foi menor e representou 2,92%. Em fevereiro foram abatidas 98,7 mil cabeças, que resultaram em um peso morto de 8,77 mil toneladas, o animal foi abatido em média com 88,85 Kg.

Gráfico 21: Número de suínos abatidos em Mato Grosso do Sul

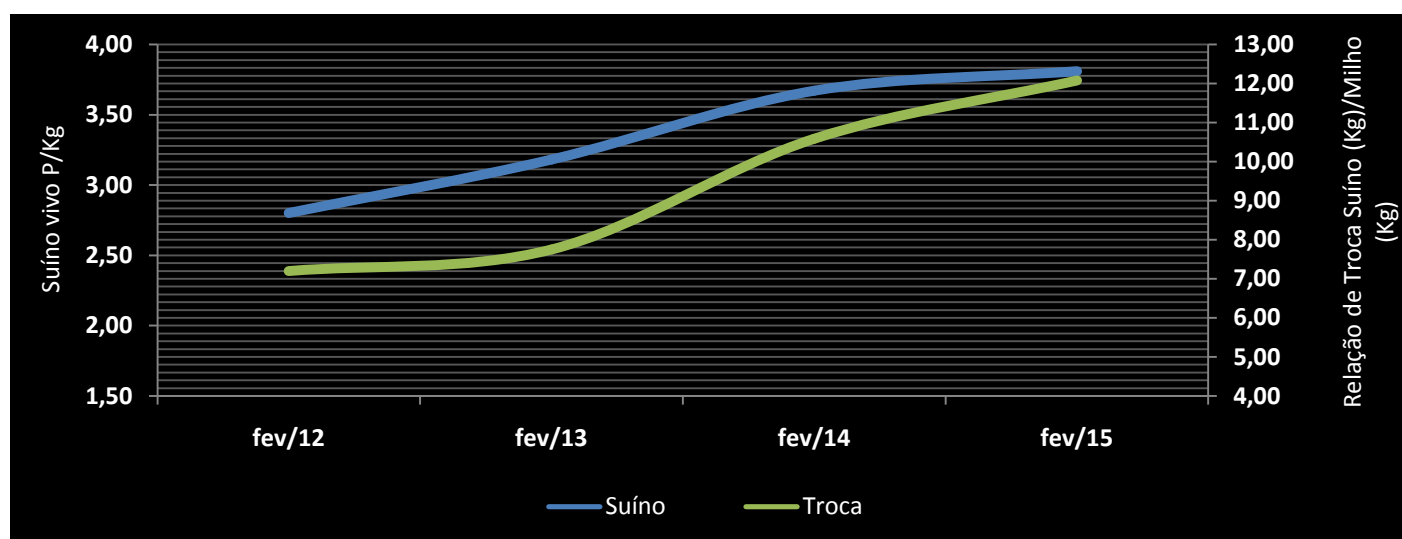


Fonte: SIPOA/SFA-MS | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

RELAÇÃO DE TROCA: SUÍNOS X MILHO

Em relação aos últimos 4 anos, fevereiro de 2015 foi marcado pela valorização na relação de troca de 67,77%. Uma vez que o kg de soja desvalorizou 18,89% e o Kg vivo de suíno apreciou 36,07%. Somente em fevereiro de 2015 o suíno foi cotado a R\$ 3,81 e o milho a R\$ 18,93/saca 60 Kg, de modo que um Kg vivo de suíno poderia ser trocado por 12,08 Kg de milho. Apesar desses resultados, na comparação a janeiro, a relação de troca caiu 4,96%, uma vez que a redução no preço do suíno (-7,97%) sobressaiu a redução no preço do milho (-3,17%).

Gráfico 22 – Preço dos suínos e relação de troca entre suínos e milho



Fonte: Granos Corretora; Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL.

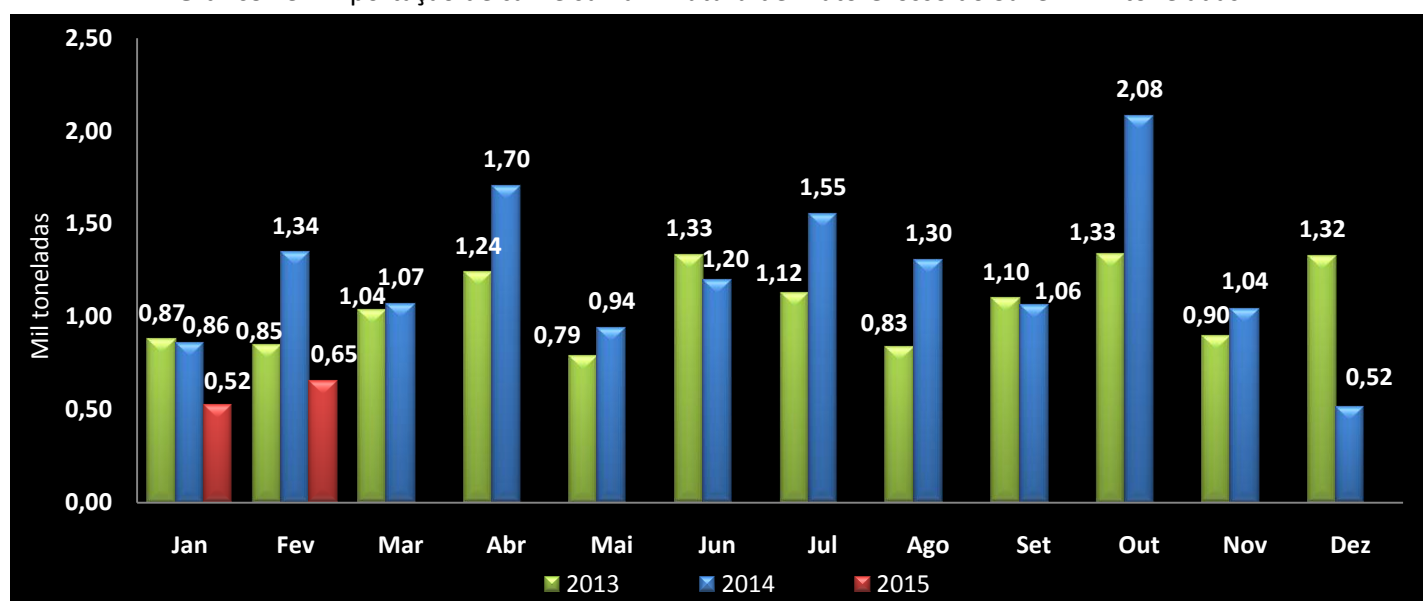
Obs.: Houve alteração na fonte de dados do preço do milho.

MERCADO EXTERNO

No mercado externo houve redução nas exportações de carne suína *in natura*. Essa redução foi de 51,40% em volume e de 38,97% em receita na comparação ao mesmo período do ano passado. O volume exportado somou 653 toneladas, resultando em uma receita de US\$ 1,48 Milhão. Em fevereiro Hong Kong perdeu a primeira posição nas importações de carne suína, que caíram 22,22% (em relação a janeiro e 44,03% na comparação ao ano passado), para a Geórgia.

A Geórgia aumentou suas importações em 35,70% na comparação a janeiro e 270,50% em relação ao mesmo período do ano passado. No entanto esse aumento não foi suficiente para impedir as quedas gerais nas exportações.

Gráfico 23 - Exportação de carne suína *in natura* de Mato Grosso do Sul em mil toneladas



Fonte: SECEX (MDIC) Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

PRINCIPAIS IMPORTADORES

Quadro 3 - Principais países importadores de carne suína *in natura* sul-mato-grossense em fevereiro de 2015

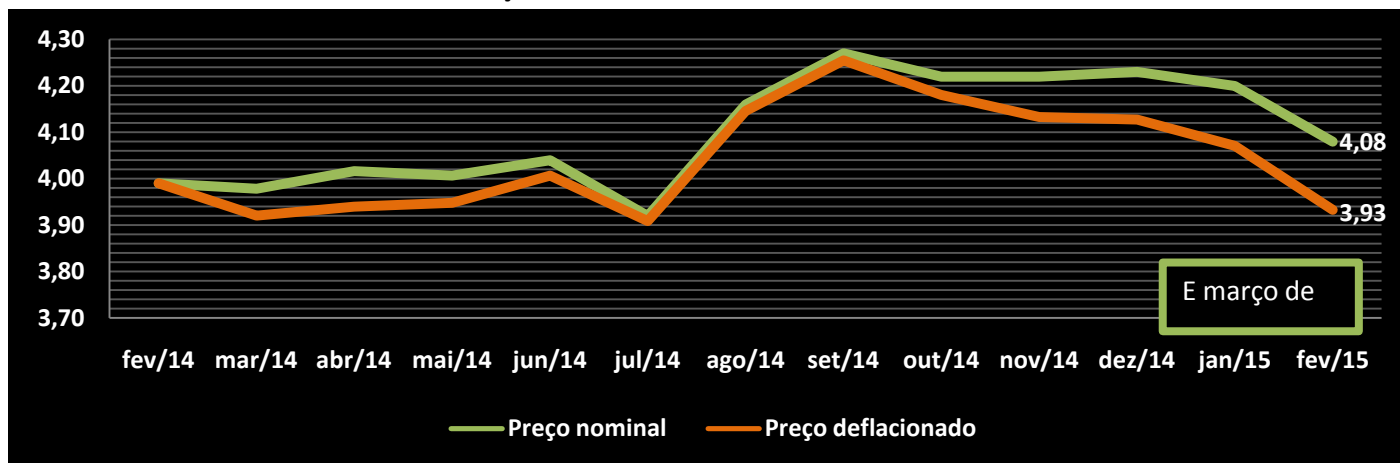
	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)	Preço Médio(US\$/Kg)	% do Total
Geórgia	694.365	296.500	2,34	45,38
Hong Kong	435.086	175.800	2,47	26,91
Armênia	197.323	77.350	2,55	11,84
Gabão	57.850	26.000	2,23	3,98
Congo	53.852	25.740	2,09	3,94

Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

AVICULTURA MERCADO INTERNO

No mercado interno da avicultura, o preço do Kg de ave abatida retraiu 2,86% em fevereiro, na comparação ao mês anterior. Em termos reais essa queda foi de 3,37%. Apesar disso, existe a expectativa de recuperação do preço, uma vez que as exportações em fevereiro já foram maiores que janeiro e ao mesmo período dos dois últimos anos.

Gráfico 24 – Preço nominal e deflacionado de aves abatidas em R\$

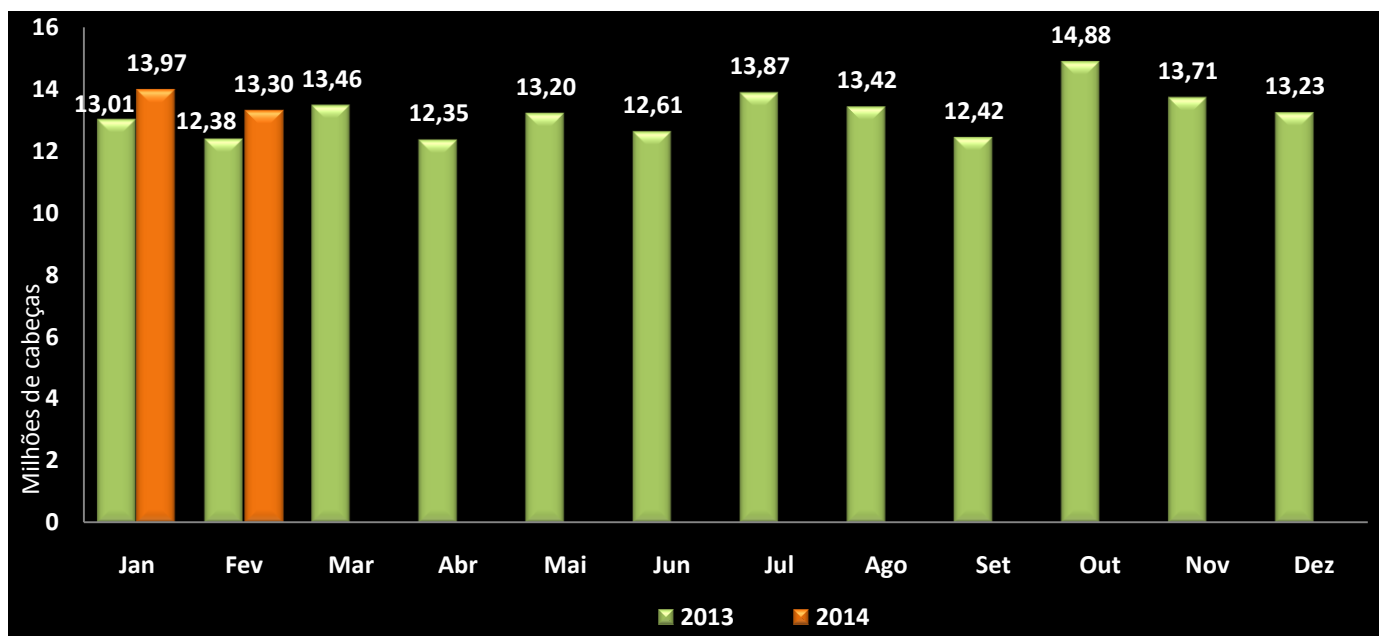


Fonte: CEASA/MS | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

ABATES

Em fevereiro, o número de abates aumentou 7,43% em relação ao mesmo período do ano passado. Durante o mês foram abatidos 13,30 milhões de cabeças que somaram um peso morto 32,42 milhões de Kg.

Gráfico 25: Número de aves abatidas em Mato Grosso do Sul

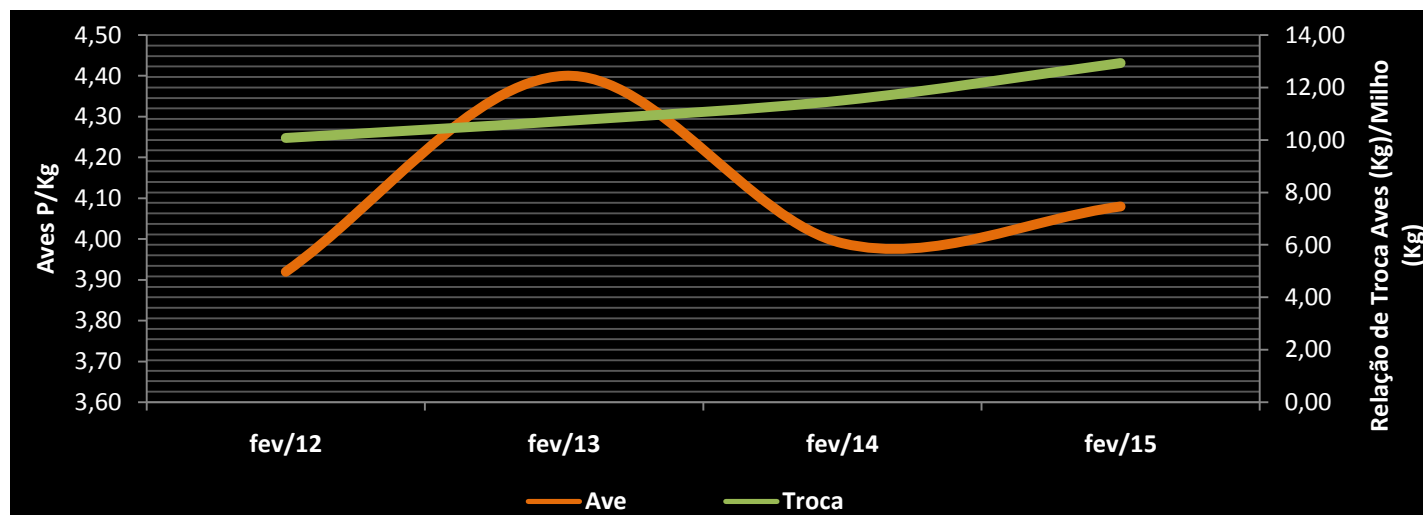


Fonte: SIPOA/SFA-MS | Elaboração: DECON/ SISTEMA FAMASUL

RELAÇÃO DE TROCA: AVES X MILHO

Em fevereiro, a relação de troca aumentou, em relação aos últimos 3 anos. Neste contexto 1 Kg de ave poderia ser trocado por 12,93 Kg de milho. De fevereiro de 2012 a fevereiro de 2015 o Kg de ave valorizou 4,08% e o preço da saca de 60 kg de milho desvalorizou 18,89%, de modo que essa melhora na relação de troca foi mais impactada pelo preço do milho.

Gráfico 26 – Preço das aves e relação de troca entre aves e milho

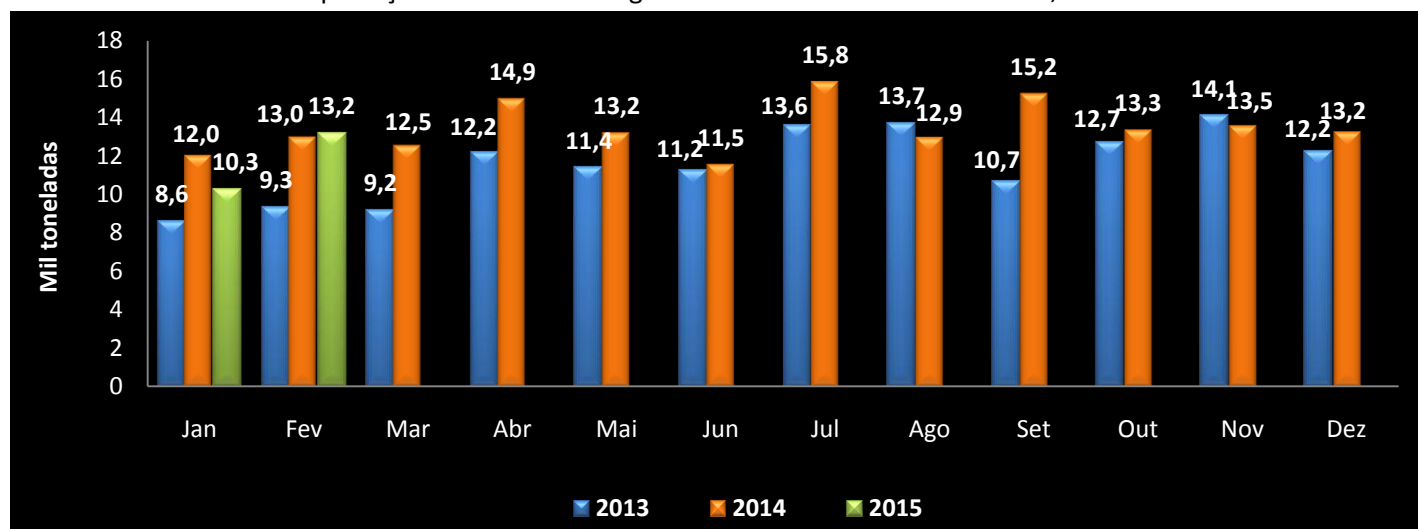


Fonte: CEASA/MS | Elaboração: UNITEC/SISTEMA FAMASUL

MERCADO EXTERNO

No mercado externo, houve aumento nas exportações em fevereiro. Na comparação ao mesmo período do ano passado a receita aumentou 14,14% e o volume 28,40%. Em relação a janeiro houve aumento apenas em volume (1,59%). Com isso foram exportados em fevereiro, 13,2 mil toneladas que geraram uma receita de US\$ 24,9 milhões. Dentre os fatores que podem explicar esse aumento, está o aumento das importações da Arábia Saudita em 79,37% (volume, quando comparado a janeiro), que contribuiu para ampliar sua participação de 24,75% em janeiro para 34,57% em fevereiro.

Gráfico 27 - Exportação de carne de frango *in natura* de Mato Grosso do Sul, em mil toneladas



Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

PRINCIPAIS IMPORTADORES

Quadro 4 - Principais países importadores de carne de frango *in natura* sul-mato-grossense em fevereiro de 2015

	US\$ FOB	Peso Líquido(Kg)	Preço Médio(US\$/Kg)	% do Total
Arábia Saudita	8.681.345	4.553.547	1,91	34,57
China	4.787.756	2.354.090	2,03	17,87
Japão	3.635.541	1.632.264	2,23	12,39
Emirados Árabes Unidos	1.525.337	732.380	2,08	5,56
Jordânia	1.276.030	675.180	1,89	5,13

Fonte: SECEX (MDIC) | Elaboração: DECON/SISTEMA FAMASUL

ELABORAÇÃO

Pecuária

Daniela Teixeira

ANALISTA TÉCNICA

Adriana Mascarenhas

DIAGRAMAÇÃO

Unidade de Design Sistema Famasul



SISTEMA
FAMASUL
M A T O G R O S S O D O S U L

SENAR
FUNAR
APROSOJA
SINDICATOS RURAIS